



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Identidades em interação: a representação artesã através de imagens.

Autoria: Jonas da Silva Santos (SEDUC-MA), Jesus Marmanillo Pereira (UFMA)

Partindo da hipótese de o conhecimento a respeito das práticas e saberes (ROCHA E ECKERT, 2015) de um grupo de artesãos, na cidade de Imperatriz - MA pode constituir um interessante caminho para se refletir sobre processos identitários, constituídos a partir das interações cotidianas, o presente artigo busca trazer uma etnografia visual a respeito da Associação dos Artesãos de Imperatriz (ASSARI). Acreditamos que a produção identitária emerge a partir dos personagens da referida associação e de suas interações internas, e com outros grupos. Tornar-se, e ser, artesão é o motivo condutor para agir e passar saberes vinculados a identidade e ao pertencimento deste grupo social. Emanando desse processo uma conexão entre o Self e os papéis sociais ancorados aos grupos, que promovem a integração dos sujeitos a sociedade e mantém a estabilidade das associações. E assim, ao lutarem por espaços urbanos dão significados identitários aos lugares que ocupam reconfigurando o cenário. Dentro deste contexto, para a análise dessa mudança na paisagem, PEREIRA (2016) explica que o uso da imagem tem sido uma técnica constantemente aprimorada e utilizada pela sociologia e antropologia permitindo alcançar novas dimensões. A imagem possibilita compreender as relações sociais e é valiosa para a construção do texto, pois reativa a memória do pesquisador. Através de imagens que mostram a interação dos artesãos com o público e a dinâmica da utilização do ambiente urbano é possível compreender os conflitos e as negociações que reconfiguram o cenário.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: